

Quando começa e quando termina a pesquisa netnográfica?

O grupo Profiles de Gente Morta

When does the netnographic fieldwork begins, and ends? The Dead People Profiles group



RESUMO

Este relato oferece algumas reflexões surgidas durante pesquisas netnográficas que possuem a morte como tema. As considerações aqui apresentadas são advindas de pesquisas conduzidas em três momentos, no decorrer de oito anos, em um grupo intitulado Profiles de Gente Morta, originado no Orkut e atualmente no Facebook, entre 2009 e 2017, que tem como objetivo a catalogação de perfis de usuários de redes sociais que já faleceram. A hipótese levantada neste relato é a de que, quando o pesquisador desenvolve diversos papéis no campo de pesquisa, os limites do campo e os papéis exercidos podem ser um pouco mais difíceis de determinar, tornando-se fluidos. Para ilustrar o conceito de fluidez, este trabalho conta com a narrativa de duas experiências vividas em campo durante o desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado em Ciências Sociais sobre a prática do velório virtual.

Palavras-chave: Netnografia – Velório virtual – Redes sociais – Internet – Profiles de Gente Morta

ABSTRACT

This report addresses reflections arisen from netnographic researches in three different moments, over a period of eight years, between 2009 and 2017. The netnographic field is a group entitled Dead People Profiles, originated in a social network named Orkut and currently active on Facebook, whose objective is the cataloguing of profiles from deceased social network users. The hypothesis raised in this report is that when the researcher develops different roles in the research field, the limits of the field and of the roles played may be a little more difficult to determine, becoming fluid. To illustrate the concept of fluency, this work contains narratives of two experiences in the fieldwork stage of the development of a doctoral thesis in Social Sciences.

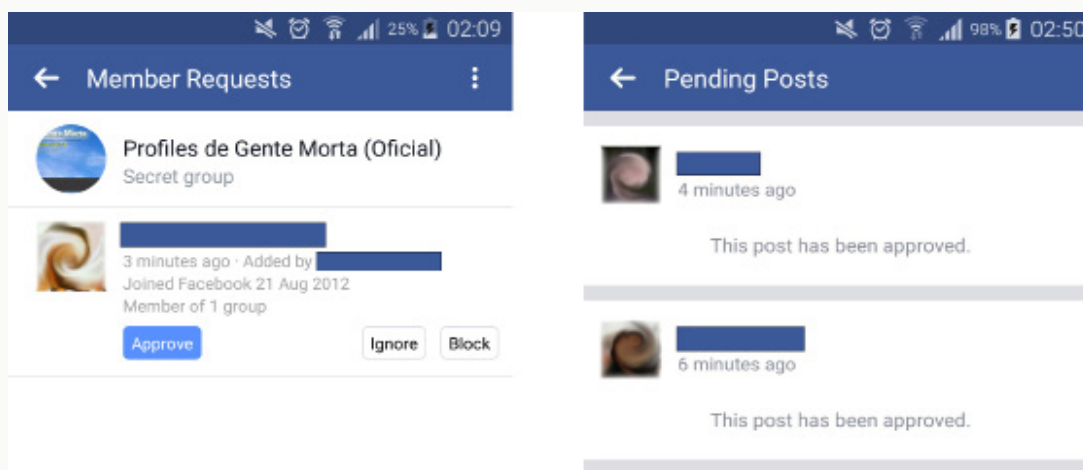
Keywords: Netnography – Virtual wake – Social network sites – Internet – Dead People Profiles

* Estudante de PhD na University of Bath, Somerset, Inglaterra. Mestre em Antropologia (2013) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. É membro do Centre for Death and Society (CDAS) e pesquisa a morte na Internet, virtualização dos rituais funerários e os velórios virtuais desde 2008. CV: http://www.bath.ac.uk/cdas/people/students/andrea_martins/index.html; <http://lattes.cnpq.br/4952407305636095>



A luz de notificações do meu celular às vezes atrasa – ou impede – meu sono. Tento ignorá-la, mas, na escuridão, o brilho parece maior. Resolvo ver o que é e, na fração de segundo que demoro para desbloquear a tela, tento adivinhar se é uma notificação de caráter pessoal em uma das redes sociais que faço parte ou uma solicitação de participação ou postagem no grupo que ajudo a administrar no Facebook (Ver Figura 1)¹. Na maioria das vezes, a luz acende pelos segundo e terceiro motivos.

Figura 1: Postagens e pedidos de adesão no Profiles de Gente Morta durante a madrugada



FONTE: Facebook, screenshot da autora (30/11/2016)

O grupo em questão se chama *Profiles de Gente Morta*, também conhecido como PGM² e uma de suas principais atividades é a catalogação de perfis de usuários do Facebook que já morreram, como um obituário em tempo real (Martins, 2013). No espaço do grupo, que conta com quase 16 mil membros, é possível debater sobre a morte e o morrer e relatar experiências pessoais de perda e luto. Além disso, também é possível assistir a velórios virtuais de desconhecidos. Como a prática do velório virtual é o principal tema da minha pesquisa de Doutorado, é difícil ignorar as notificações.

Ademais, a maioria do grupo está em um fuso horário diferente do meu: eles no Brasil, e eu, na Inglaterra. Por este motivo, é necessário dar atenção às notificações nos mais diversos horários. Essa atenção pode ser caracterizada como entrar em campo não só durante o dia, mas também quando eu deveria estar dormindo. Afinal, minha pesquisa não se faz somente na frente do computador, mas também através do celular. Portanto, quando começa e quando termina o trabalho de campo netnográfico? O objetivo deste relato, no entanto, não é oferecer uma

¹ As imagens apresentadas aqui são screenshots (capturas de tela) de sites e aplicativos do Orkut e do Facebook. As oriundas do Facebook têm sua estrutura em Inglês, devido às configurações atuais do meu perfil pessoal na rede social, mas as interações pertinentes a este trabalho estão em Português. Quando relevante, o conteúdo estrutural será traduzido de forma breve no corpo deste texto.

² No decorrer do texto, me referirei ao grupo das duas formas. Também seguirei a forma com que os próprios membros se referem ao grupo. Quando usam o nome completo, Profiles de Gente Morta, eles geralmente se referem ao grupo no masculino. No entanto, quando usam o acrônimo PGM, o que é mais comum no dia a dia, usam o gênero feminino, a PGM, uma referência ao fato de que o grupo surgiu como uma comunidade do Orkut.

resposta para esta pergunta. Buscarei apenas relatar como venho desenvolvendo este trabalho.

Apesar de os velórios virtuais serem meu atual objeto de pesquisa na PGM, este artigo reúne reflexões que surgiram no decorrer de oito anos de trabalho no grupo. A primeira pesquisa, concluída em 2009 como uma Monografia para a conclusão do curso de Bacharelado em Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba, foi um estudo de caso do assassinato da adolescente Eloá Pimentel e da forma como o caso foi debatido pela mídia e pelos membros da comunidade Profiles de Gente Morta. A segunda, concluída em 2013, foi uma Dissertação de Mestrado em Antropologia, concluído na mesma instituição, que começou a explorar os velórios virtuais e os motivos pelos quais os membros da PGM os assistem. O trabalho atual, para uma Tese de Doutorado em Ciências Sociais, iniciada em 2014, na University of Bath, na Inglaterra, é um aprofundamento do tópico dos velórios virtuais que será analisado e que busca estabelecer melhor como a virtualidade (Lévy, 2007) e as redes sociais estão modificando a forma com que lidamos com a morte e o morrer no Brasil.

Este relato, portanto, possui um caráter interdisciplinar e, a princípio, irá definir o que é o grupo Profiles de Gente Morta e como ele funciona. Em seguida, abordará, de forma breve, a netnografia como metodologia de pesquisa, oferecendo alguns detalhes sobre como venho conduzindo minhas investigações – a atual e as anteriores. Por último, irá tratar de duas experiências em que precisei interferir no campo, ambas ocorridas em 2016, e, nas considerações finais, oferece possíveis hipóteses para explicar o ofuscamento dos limites do trabalho de campo virtual. Portanto, o objetivo aqui não é delimitar o trabalho de campo, mas sim mostrar algumas dificuldades que podem ser encontradas quando se utiliza a netnografia como principal metodologia de pesquisa.

Espaço da pesquisa – Profiles de Gente Morta

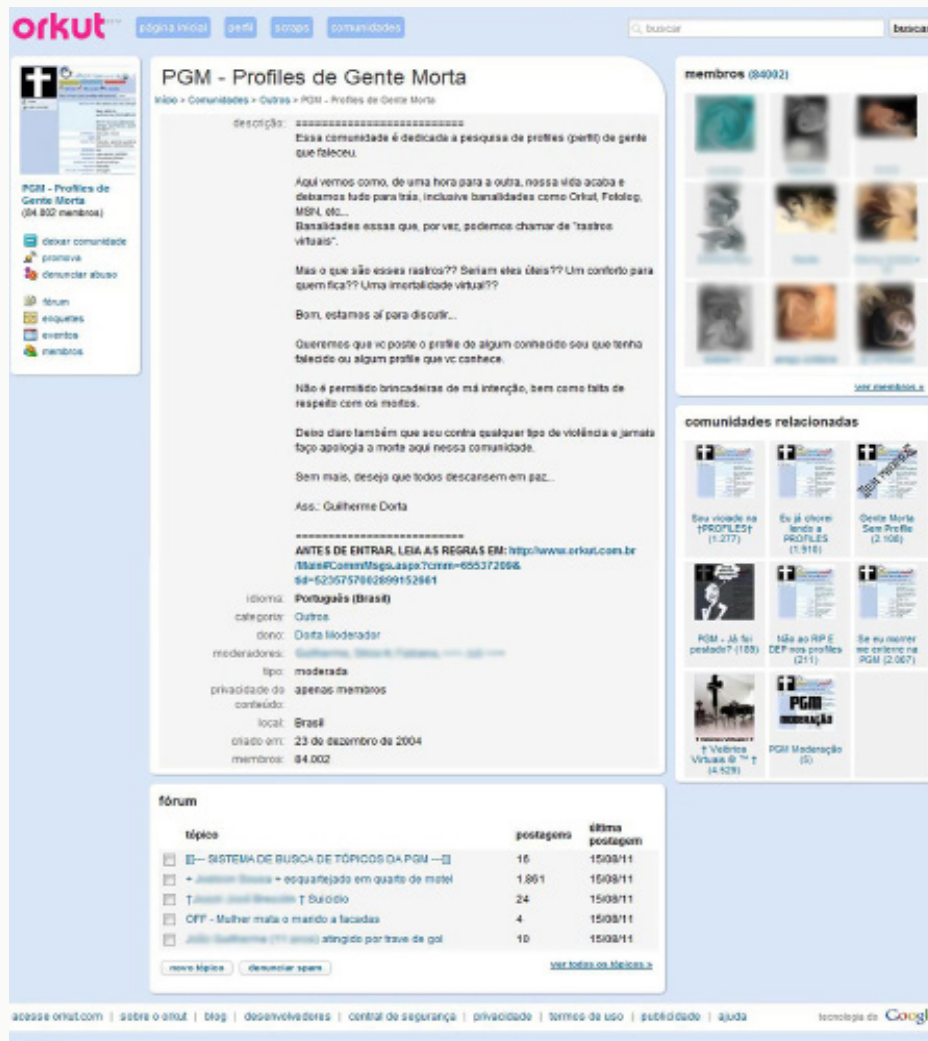
PGM no Orkut

Criada em dezembro de 2004 como uma comunidade do Orkut, a PGM contabilizou, até janeiro de 2012, mais de oitenta mil participantes (Martins, 2013). Apesar do objetivo explicitado em sua descrição ser o de catalogação de perfis de usuários do Orkut que já faleceram, os assuntos debatidos abrangiam diversos temas relacionados à morte e ao morrer. Em suma, o funcionamento da comunidade seguia a seguinte ordem: após a morte de um usuário do Orkut, um membro da PGM criava um tópico na comunidade, disponibilizando o link para o perfil do falecido, indicando a causa da morte e disponibilizando outro link para uma matéria jornalística, se possível, para comprovar a veracidade daquela morte. Em seguida, os membros da comunidade visitavam o perfil em questão. Debates, permitidos apenas dentro da comunidade, eram então iniciados; o que muitas vezes resultava em julgamentos de valor, principalmente em casos de suicídio ou morte violenta, como acidentes automobilísticos e assassinato (Sontag, 2003).



Na figura 2, é possível ver como era organizada a página principal da comunidade no Orkut e como eram listadas as postagens mais recentes, contendo links para perfis de usuários mortos. Para fins deste presente texto, optarei metodologicamente por omitir os nomes e imagens que apareçam nos exemplos citados nas figuras, a fim de preservar as identidades, utilizando o recurso de esfumçar nomes e fotografias que não sejam os meus.

Figura 2: Página principal da PGM no Orkut em 2011, contendo a descrição da comunidade.



FONTE: Orkut, screenshot da autora (15/08/2011)

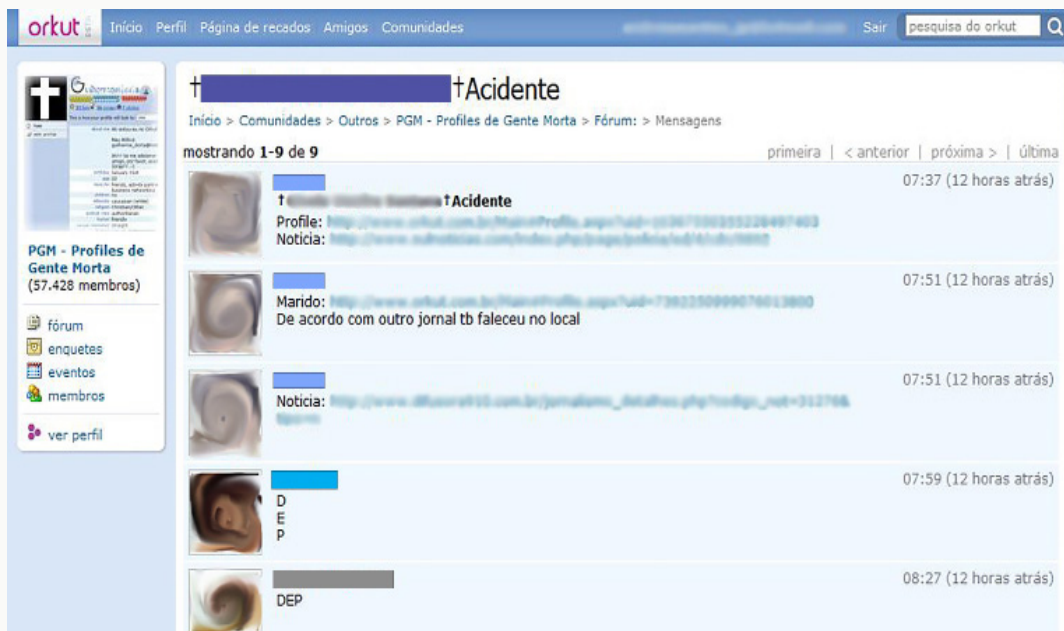
Alguns membros chegavam a deixar mensagens de condolências para a família enlutada, no perfil da pessoa falecida, mas essa prática não era vista com bons olhos pela moderação da Profiles de Gente Morta. Por conta de seu conteúdo, para integrar a comunidade ou apenas acessar seus tópicos (ver Figura 3), era preciso submeter um pedido de participação. Esse pedido era analisado por um dos quatro moderadores, responsáveis não só por aceitar ou recusar participantes, mas também por manter o funcionamento adequado da comunidade, de acordo

com suas regras.

Uma das características mais fortes da PGM no Orkut era a extensa lista de regras que deviam ser seguidas a todo momento, algumas sob a pena de exclusão. Tais regras eram listadas em uma comunidade adjacente, intitulada PGM Moderação (ver Figura 4) e os interessados em ingressar na Profiles de Gente Morta, de fato, eram incentivados a lê-las antes de enviar o pedido de adesão, de forma a tentar evitar ou diminuir possíveis problemas e desentendimentos - o que nem sempre era possível. É praticamente impossível traçar um perfil dos participantes e dos interessados em participar da PGM. Em suma, qualquer pessoa que quisesse acessar perfis de usuários do Orkut que já morreram, que conhecesse ou não os donos dos perfis disponibilizados lá

As regras, de forma geral, formavam um código de boa conduta, em que a postagem de morte falsa - também chamada de morte fake, quando o dono do perfil ainda estava vivo - ou de fotos e vídeos que mostrassem acidentes ou cadáveres eram expressamente proibidos, resultando até em banimento da comunidade.³ Além disso, não eram toleradas quaisquer demonstrações de desrespeito ou brincadeiras com o falecido ou seus familiares, dentre outros. Mesmo assim, tantos eram os desentendimentos ou não-cumprimento das regras que a comunidade PGM Moderação também era usada para esclarecer os motivos das expulsões e banimentos dos integrantes que não se adequavam às diretrizes (ver Figura 4), uma clara demonstração do desejo que os moderadores tinham em manter o bom funcionamento da *Profiles de Gente Morta*.

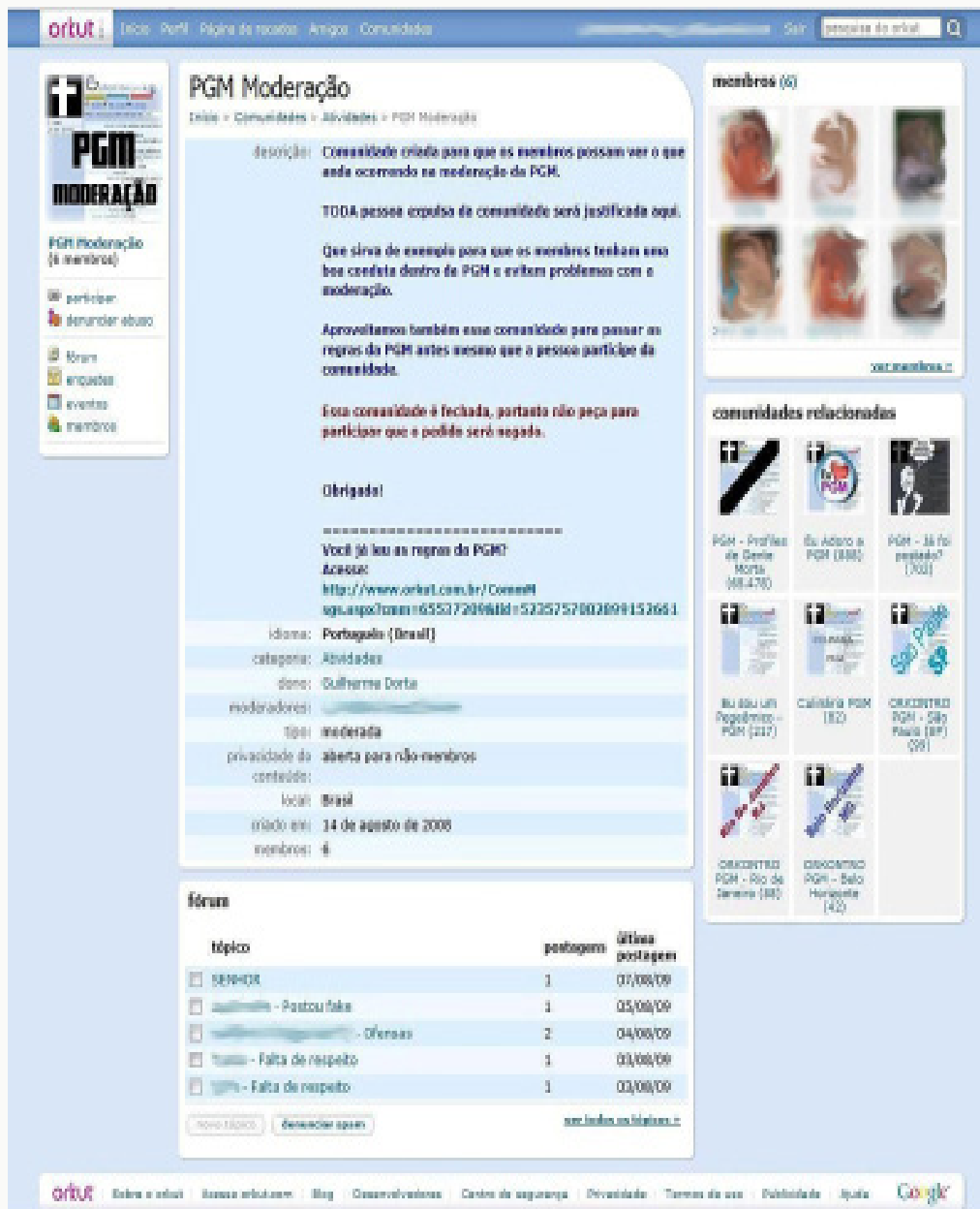
Figura 3: Exemplo de tópico na PGM, no Orkut, contendo links para perfil de usuário falecido



FONTE: Orkut, screenshot da autora (2008)

³ Quando um membro, além de ser excluído, é impossibilitado de retornar à comunidade com o mesmo perfil.

Figura 4: Página principal da comunidade PGM Moderação em 2009



FONTE: Orkut, screenshot da autora (07/08/2009)

Como a comunidade era atualizada diversas vezes durante o dia, seja com novos tópicos ou comentários⁴, uma das regras mais importantes e mais observadas era a referente à padronização das postagens centrais aos objetivos do grupo: as que, como mencionei anteriormente, continham links para os perfis dos usuários do Orkut que tinham morrido. A porção mais importante da padronização se referia à fórmula Cruz + Nome + Causa da Morte

⁴ Média de 77 por dia, de acordo com levantamento feito anteriormente (Martins, 2013).



+ Cruz⁵, além do link para uma matéria jornalística, se possível, que comprovasse ou oferecesse mais detalhes sobre a morte em questão. Assim, era possível saber de imediato a causa mortis, um dos principais motivos para a visita e/ou comentário em um tópico, de acordo com os próprios membros da comunidade (Martins, 2013).

A PGM também possuía um vocabulário próprio, basicamente composto por siglas. As mais usadas eram: NSC (Não sei a causa, para indicar que a causa da morte é desconhecida); RIP e DEP (Rest in Peace, versão em Inglês de Descanse em Paz); JFP (Já foi postado, utilizado para indicar um tópico repetido); OFF (Off Topic, ou fora do assunto principal da comunidade, que era o de catalogar perfis de usuários do Orkut que já morreram. A sigla OFF era usada para sinalizar tópicos com assuntos relacionados à morte e ao morrer, mas que não continham links para perfis) e TI (Tópico Inútil, que não lidava diretamente com assuntos relacionados à proposta da comunidade). Cada um dos tipos de tópicos possuía suas respectivas qualidades e finalidades e, dependendo do interesse demonstrado pelos participantes, poderiam ser deletados pela equipe de moderação. Quatro tópicos classificados como OFF se tornaram bastante populares e um deles tratava particularmente dos velórios virtuais, onde eram disponibilizados links para as câmeras de empresas funerárias que ofereciam o serviço na época e onde era possível debater sobre o assunto.

O velório virtual é a transmissão online, em tempo real, de um velório, através de uma ou mais câmeras colocadas no local onde um velório está sendo realizado. Empresas funerárias Brasileiras e Norte-Americanas começaram a oferecer o serviço em 2001, de forma a possibilitar a participação, mesmo que virtual, de pessoas que não puderam comparecer, pessoalmente, ao velório. O velório virtual pode ter três configurações: ser pago e privado, ou pago e público, ou gratuito e público, sempre mediante autorização da família do morto. No caso de um velório privado, logins e/ou senhas são fornecidos para limitar o acesso às imagens. No caso de um velório público, que geralmente é transmitido nos sites das empresas que oferecem esse tipo de serviço, qualquer pessoa que acesse tais sites pode ver as imagens, contando que o velório real ainda esteja acontecendo, visto que a transmissão é feita por streaming⁶.

Para os membros da PGM, existem diversos motivos para assistir a um velório virtual. Esses motivos foram identificados através da observação dos comentários feitos nos tópicos destinados aos velórios virtuais e também através de questionários e entrevistas individuais que conduzi com os membros, em diversos momentos, no decorrer do meu estudo do grupo. Dividi os principais motivos em três categorias. A primeira diz respeito à curiosidade, que pode estar ligada apenas ao fato de a morte ainda ser considerada um tabu em nossa sociedade (Walter, 1991; Sontag, 2003; Rodrigues, 2006). Por exemplo, alguns membros ainda eram crianças na última vez que alguém próximo deles morreu e seus pais não os deixaram participar do velório. Hoje, adultos, querem ver como é um velório porque querem saber como devem se comportar quando tiverem que participar de um. Outro tipo de curiosidade, geralmente chamado de

⁵ Por exemplo: †Fulano de Tal – Câncer †.

⁶ De acordo com o Dicionário Oxford, *streaming* significa “transmitir ou receber dados, especialmente material audiovisual, através da Internet, por meio de fluxo contínuo”. Tradução livre da autora. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/stream>>. Acesso: 16/11/2016.



curiosidade mórbida, é ligado à morte e ao que acontece com o corpo humano morto, nos moldes dos detalhes apresentados por Mary Roach (2015). A segunda categoria é a de reafirmação, ou seja: algumas pessoas reafirmam o fato de estarem vivas quando se dão conta que outras estão mortas; o que também pode ser entendido em alguns casos pelo ditado popular “antes ele do que eu”. A terceira e última categoria é a de aceitação (Kübler-Ross, 2008), ou seja: algumas pessoas que estão em luto podem começar a aceitar a perda de um ente querido quando veem que não estão sozinhas, que outras pessoas também estão passando pela mesma situação.

A PGM reunia pessoas que se encaixavam em todas essas – e muitas outras – categorias e situações. A permanência da comunidade no Orkut gozou de quase uma década de popularidade e movimentação intensa. Mas, com o crescimento do Facebook no Brasil,⁷ a partir de 2010, o Orkut foi perdendo adeptos e a comunidade foi se transferindo gradualmente para o Facebook.

PGM no Facebook

Quando a *Profiles de Gente Morta* migrou para o Facebook, em 2012, o fez de forma gradual e plural – gradual porque os internautas brasileiros ainda estavam descobrindo o Facebook, já que o Orkut estava presente na cultura do país há quase uma década. Plural porque, nessa transição, a então comunidade, de acordo com a nomenclatura do Orkut, passaria a ser um grupo, de acordo com a definição do Facebook, e nessa mudança entre redes sociais, foi dividido em dois. O primeiro, criado em janeiro de 2012 por um dos membros mais ativos da PGM no Orkut. Após um desentendimento, outro grupo também intitulado PGM foi criado no Facebook pelo dono da PGM no Orkut. Ainda existem grupos menores, com o mesmo nome e objetivos similares. Esses grupos muitas vezes são compostos por pessoas que foram excluídas ou banidas de um dos dois grupos principais. Meu estudo atual e as observações contidas neste artigo se baseiam no grupo *Profiles de Gente Morta* que se estabeleceu primeiro no Facebook (ver Figura 5), apesar de o outro possuir uma quantidade maior de participantes.⁸

A dinâmica da PGM no Facebook permanece a mesma que a do Orkut. O que mudou foram as formas de participar e a plataforma de interação. Durante boa parte de sua existência no Orkut, o acesso à comunidade se fazia quase que exclusivamente através de um computador de mesa, com conexão à Internet via modem e, mais tarde, cabo. O avanço tecnológico e o aumento do poder de compra no Brasil, a partir de 2010 (Fornetti, 2010)⁹, permitiu que o grupo fosse acessado através de notebooks e conexões sem fio, contribuindo para que as postagens se

⁷ Uma pesquisa do Ibope Nielsen Online aponta que o Facebook contabilizou, em agosto de 2010, o maior número de usuários únicos (30,9 milhões). Quatro meses depois, o filme “A Rede Social”, que tem a criação do Facebook como tema, foi lançado no Brasil, o que contribuiu para o aumento da popularidade do Facebook no país. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html>>. Acesso: 29/11/2016.

⁸ Atualmente, a “outra” PGM possui mais de 26 mil membros, de acordo com uma matéria do Jornal O Globo publicada no Dia de Finados de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Or2sfU>>. Segundo essa reportagem, alguns membros fazem parte dos dois grupos. Acesso: 02/12/2016.

⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/796928-classe-media-soma-50-da-populacao-e-domina-poder-de-compra-diz-fgv.shtml>> Acesso: 11/11/2016.



tornassem praticamente instantâneas no Facebook.

Figura 5: Página principal do grupo Profiles de Gente Morta no Facebook em 2016



FONTE: Facebook, screenshot da autora (30/11/2016)

No que se refere às regras, elas foram atualizadas e enxutas, mas valores centrais como o respeito a mortos e vivos, proibição de postagem de fotos e vídeos de acidentes e exclusão ou banimento por má conduta ainda permanecem. As postagens que contenham perfis de usuários falecidos também devem seguir a mesma fórmula de padronização citada anteriormente. Os elementos da linguagem peculiar da PGM também permanecem, apesar da sigla TI (Tópico Inútil) ter caído em desuso. Novos termos foram incluídos, como os controversos BBBM (Bandido bom é bandido morto), JFT (Já foi tarde) e AC (Acompanhando, utilizado para que se receba notificações de novas postagens no tópico em questão).

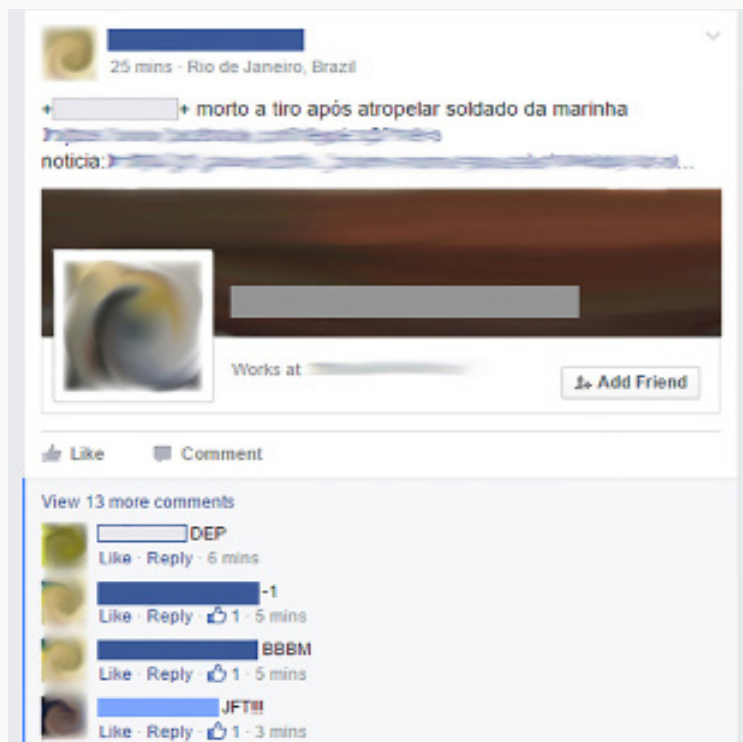
A Figura 6, composta de dois screenshots, mostra as regras de postagem originadas no Orkut sendo seguidas no Facebook. O screenshot da esquerda se refere a um membro do grupo postando o perfil de um amigo que falecera. O da direita mostra a postagem do perfil de um

membro do grupo, morto de causas desconhecidas. Já a Figura 7 mostra as novas siglas, BBBM e JFT, sendo usadas na postagem do perfil de um homem morto após atropelar um soldado da Marinha.

Figura 6: Membro da PGM postando o perfil de um amigo e postagem do perfil de um membro do grupo que falecera



Figura 7: Siglas BBBM e JFT em uso



FONTE: Facebook, screenshot da autora (30/11/2016)

De fato, uma das maiores mudanças na PGM no Facebook é a opção de receber

notificações sobre respostas a comentários e novas postagens no grupo, função que o *Orkut* não possuía. Também, com o advento do aplicativo do *Facebook* para celular, agora é possível acessar a *PGM* e contribuir para as discussões de forma ainda mais rápida. Isso fez com que a interação se tornasse mais dinâmica ainda. Essa nova dinâmica alterou também a forma com que a pesquisa netnográfica é desenvolvida, como nos dois casos que relatarei mais adiante. Mas, antes, é necessário esclarecer como as pesquisas netnográficas no grupo *Profiles de Gente Morta* foram organizadas e conduzidas.

A Netnografia

Netnografia é um termo cunhado por um grupo de pesquisadores americanos (Kozinets, 2010) para descrever o desafio metodológico de preservar o período de observação do campo etnográfico *online* (Hine, 2001; Kozinets, 2010; Pink, 2016). Kozinets (2010) define a netnografia como um método de pesquisa que ajusta os procedimentos etnográficos de observação participante às contingências da interação social através de computadores, utilizando dados coletados através dessas interações *online* (Kozinets, 2010). Assim, é possível afirmar que na netnografia o pesquisador está em dois lugares ao mesmo tempo: um real e um virtual. Além disso, é comum que ele também assuma papéis diferentes num ou nos dois ambientes, que podem ser concomitantes ou conflitantes. No meu caso, desde 2015, venho exercendo três papéis na *PGM*: membro, moderadora e pesquisadora.

O leque de papéis e a dualidade do real e do virtual durante a pesquisa netnográfica podem se interpor e entrelaçar, dependendo das interações apresentadas. A partir de minhas experiências, afirmo que isso pode acontecer por uma simples propriedade da pesquisa *online*: a facilidade de entrada e de saída do campo, o que geralmente se alcança com apenas alguns cliques. Por isso, o pesquisador *online* está passível de ser mais facilmente interrompido por outros ou por ele mesmo quando encontra situações que requerem respostas práticas e rápidas, seja na realidade ou na virtualidade. Segundo Kozinets (2010), a netnografia abrange seis principais etapas da etnografia: Planejamento, Entrada, Coleta de dados, Interpretação, Aderência aos princípios éticos e Representação da pesquisa. A seguir, listarei de forma breve como essas etapas foram completadas no desenvolvimento das pesquisas que conduzi na *PGM*¹⁰, de forma a introduzir as reflexões sobre papéis e dualidade entre real e virtual presentes nos casos relatados mais adiante.

A forma com que conduzi a etapa de Planejamento esteve diretamente relacionada à etapa de Entrada, pois eu já fazia parte da comunidade *Profiles de Gente Morta* no *Orkut* antes de decidir estudá-la. Portanto, posso dizer que não houve um Planejamento, por assim dizer, para a Entrada no campo. Esta aconteceu em 2008, quando um amigo me contou sobre o

¹⁰ Para melhor contextualização com o tema deste artigo, não abordarei as etapas de Interpretação e Representação da Pesquisa.



grupo e, curiosa, decidi investigar. Naquela época, como já foi mencionado, a *PGM* era uma comunidade do *Orkut* e, como eu já era usuária do *Orkut*, só precisei procurar a comunidade no banco de dados daquela rede social ao chegar em casa e enviar o pedido de participação. Nesse primeiro cenário, eu era apenas um membro da comunidade.

O ano de 2008 foi marcado por duas tragédias nacionais: os casos Nardoni e Eloá, que foram discutidos de maneira frenética na *PGM* e no *Orkut* como um todo. Mesmo assim, só comecei a enxergar a comunidade como um campo de pesquisa em potencial quando, um dia, minha irmã me disse que tinha visitado o perfil da mãe de Isabella Nardoni. Em uma dessas visitas, ela viu em meio aos milhares de recados que uma pessoa estava culpando a mãe pela morte da filha. Minha irmã ficou tão chocada com esse comportamento que saiu do seu perfil pessoal para logar em um perfil falso, para assim voltar à página de recados da mãe de Isabella, encontrar o recado ofensivo, visitar o perfil da pessoa que o tinha escrito e, por fim, ofendê-la também. Esse relato fez com que eu percebesse, pela primeira vez, os mecanismos que faziam com que algumas pessoas se identificassem com a morte de desconhecidos (Sontag, 2006) e fez com que eu passasse a observar o comportamento dos membros da *PGM* de forma mais analítica. Isso contribuiu para que a comunidade finalmente se transformasse em campo de pesquisa para mim sete meses mais tarde, na época da morte de Eloá. Assim, a definição dos tópicos das minhas pesquisas ocorreu depois que eu já estava inserida no campo. No caso dos velórios virtuais, por exemplo, só fiquei sabendo da existência do serviço por causa da *PGM*, pois era tema de um tópico *OFF* que se tornou bastante popular na comunidade.

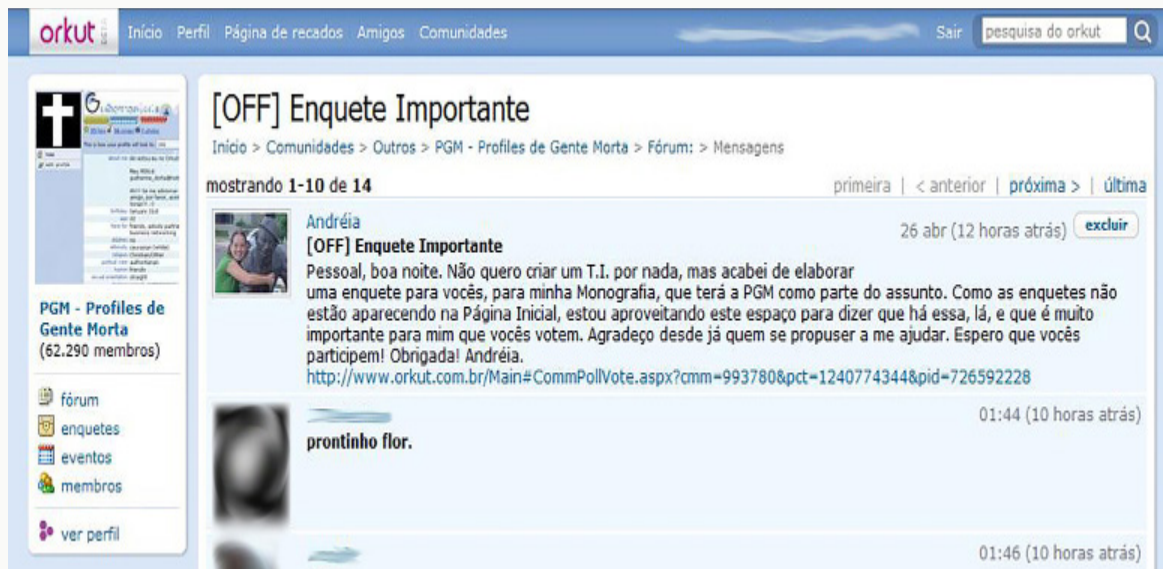
Antes de abordar a etapa de Coleta de dados, é importante mencionar a de Aderência aos princípios éticos. Em 2008, eu não sabia que o tipo de metodologia da pesquisa que eu acabara de iniciar era uma netnografia, apesar de o método ter sido definido internacionalmente treze anos antes (Kozinets, 2010). De toda forma, o modo pelo qual conduzi a pesquisa continha princípios academicamente éticos, mesmo que eu não soubesse que eles faziam parte da construção de uma netnografia. Um exemplo disso é que a etapa de Planejamento geralmente começa com a obtenção de uma autorização junto ao dono ou moderadores do grupo a ser estudado para a realização da pesquisa.

Em 2008 eu enviei uma mensagem para o dono da *PGM* no *Orkut* sobre o assunto, mas nunca recebi resposta. Por isso, resolvi prosseguir sozinha e fiz algo que foi bastante assustador para mim, por causa das regras restritas da *PGM*: criei um tópico *OFF* pedindo a autorização e colaboração dos membros para a pesquisa. Dessa forma, se o dono ou os administradores da comunidade discordassem, eles apagariam meu tópico ou me enviariam uma mensagem para falar sobre o assunto. Como minha postagem permaneceu ativa e foi bem recebida pelos membros da *PGM*, interpretei essa situação como uma permissão para transformar a comunidade em campo de pesquisa. Naquele momento, além de membro, eu comecei a exercer o papel de pesquisadora e, desde então, a parte ética das pesquisas que desenvolvi com o grupo foi se desenvolvendo e se refinando, incluindo a total anonimização dos dados (como as imagens borradas que compõem este relato), e comecei a postar na *PGM*, com frequência (ver Figuras 8 e 9), para informar novos membros sobre a minha presença no



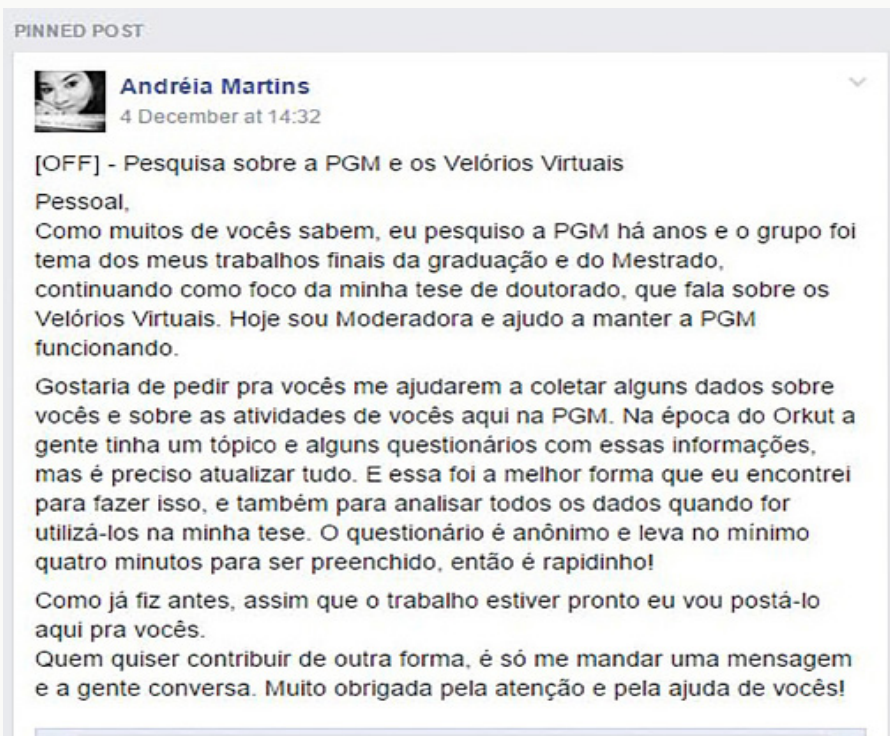
grupo como pesquisadora (ASA 2011).¹¹

Figura 8: Pedido de colaboração para utilização da comunidade como campo de pesquisa



FONTE: Orkut, screenshot da autora (26/04/2009)

Figura 9: Pedido de colaboração aos membros da PGM no Facebook, em 2015



FONTE: Facebook, screenshot da autora (04/12/2015)

Em relação à etapa da coleta de dados, desde o início ela foi baseada na obtenção de screenshots, ou capturas de tela (Flick, 2013) de todas as interações relevantes para o

¹¹ Disponível em: <<https://www.theasa.org/ethics.shtml>>. Acesso: 12/12/2016.

desenvolvimento de meus trabalhos, como comentários acerca dos velórios virtuais, conflitos entre membros e sobre o funcionamento da PGM. Essas capturas servem para embasar a observação participante, pois as análises foram desenvolvidas em diversas etapas do trabalho de campo. Minhas pesquisas na PGM foram de caráter qualitativo, porém, também utilizei a aplicação de enquetes para adquirir material quantitativo e entrevistas privadas com membros-chave para aprofundar a abordagem qualitativa. Posteriormente, alguns desses membros que entrevistei se transformaram em informantes e gatekeepers¹² (O'Reilly, 2009). Um desses gatekeepers é o criador da PGM no Facebook, que me colocou como moderadora do grupo em julho de 2015. Um dos participantes, tão acostumado a ver postagens com links para perfis de usuários já falecidos, não percebeu de imediato que a postagem se referia à minha “promoção” como moderadora e automaticamente me desejou um “Descanse em Paz” (ver Figura 10).

Figura 10: Quando fui promovida a moderadora da PGM, em 2015



FONTE: Facebook, screensht da autora (11/07/2015)

Essa nova função me concedeu um posicionamento privilegiado no tocante à pesquisa, pois me permitiu acessar os bastidores da PGM (Goffman, 1985) e também me deu mais um papel a atuar: além de membro e pesquisadora, me tornei moderadora, sendo responsável por manter a PGM funcionando. Os papéis que eu tinha até então podiam ser concomitantes, pois era possível ser membro e pesquisadora. Mas, quando me tornei parte da moderação, esses papéis precisaram ser alternados, porque atuar como membro, pesquisadora e moderadora ao

¹² A teoria do Gatekeeper tem origem no Jornalismo e entende o jornalista como um “porteiro”, responsável por decidir quais informações serão divulgadas para o público. No caso do meu estudo com a PGM, os *gatekeepers* eram os moderadores e administradores da comunidade/grupo, responsáveis por me deixar conduzir minha pesquisa ou por me oferecer informações que só estavam disponíveis para eles.

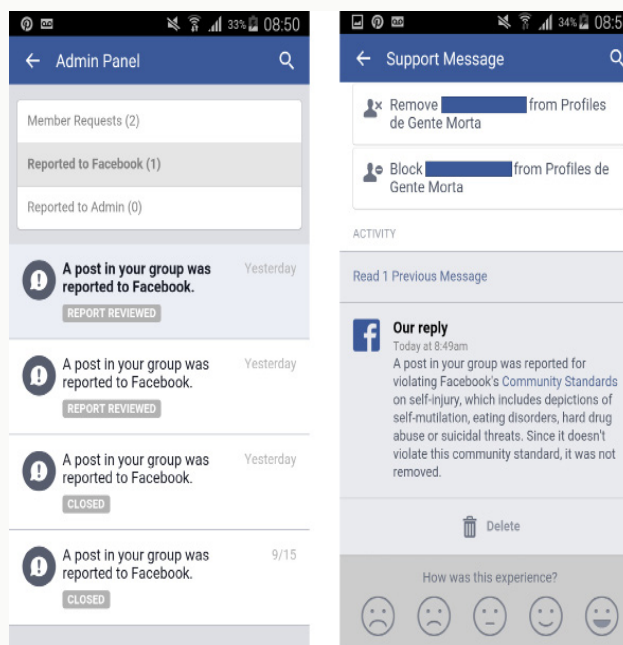
mesmo tempo pode ser conflitante, como nos casos que relatarei a seguir.

Casos de Intervenção

1º caso – PGM em perigo

Anteriormente, mencionei que dentre os dois maiores grupos que se intitulam *Profiles de Gente Morta* no *Facebook* meu estudo se concentra no que possui o menor número de participantes. Acredito que essa diferença se deve a um conjunto de fatores e o principal deles é resultante de um caso que colocou a existência do grupo em perigo. Em fevereiro de 2016, membros descontentes com a conduta pessoal de uma das moderadoras se juntaram para atacar a *PGM*. Eles estavam insatisfeitos com o posicionamento político da moderadora que, de acordo com eles, estava deixando sua preferência partidária influenciar suas decisões no grupo, o que resultou na expulsão de alguns membros. Os descontentes começaram a denunciar diversas postagens do grupo de forma aleatória diretamente para o *Facebook*. Caso um grupo ou perfil seja alvo de repetidas denúncias, o *Facebook* pode removê-los, de acordo com a Central de Ajuda.¹³ As denúncias foram revisadas conforme eram submetidas ao *Facebook* e este respondeu, através de notificações que eram disponibilizadas para todos os membros da moderação da *PGM*, que as postagens não violavam os Padrões da Comunidade do *Facebook* e, portanto, não seriam apagadas (ver Figura 11).

Figura 11: Lista com notificações sobre postagens denunciadas e a resposta do Facebook



FONTE: Facebook, screenshot da autora (14/02/2016)

Na primeira captura de tela (esquerda), se lê: “Uma postagem do seu grupo foi denunciada

¹³ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/103796063044734?helpref=related>. Acesso: 13.07.2017.

ao Facebook”. Na segunda (direita), é possível ver que existe a possibilidade de excluir ou bloquear o autor da postagem denunciada, seguida pela resposta do Facebook após a avaliação da denúncia: “Uma postagem no seu grupo foi denunciada por violar os Padrões de Comunidade do Facebook sobre auto-ferimento, o que inclui representações de auto-mutilação, distúrbios alimentares, abuso de drogas pesadas ou ameaças de suicídio. Já que não viola os padrões deste grupo, a postagem não foi removida”. Essas são respostas-padrão, automatizadas, utilizadas quando são feitas denúncias relacionadas à morte e suicídio, por exemplo. Já que esses são temas normalmente abordados no grupo *Profiles de Gente Morta*, o Facebook entendeu que não houve quebra de regras e não apagou as postagens denunciadas.

Para tentar parar o ataque feito à PGM, a moderação excluiu cerca de trinta membros que tinham sido adicionados no mesmo dia das primeiras denúncias, deduzindo que estes teriam sido os responsáveis pelo ato, e também mudou as configurações do grupo para que, a partir daquele momento, todas as postagens fossem previamente aprovadas pela moderação antes de se tornarem públicas. Sete dias depois, mensagens privadas foram enviadas para a moderadora em relação a qual os atacantes estavam descontentes. Ela tirou um *screenshot* das mensagens e enviou para o grupo da moderação¹⁴ a fim de discutir o que poderia ser feito (ver Figura 12).

Figura 12: Mensagens enviadas para uma das moderadoras da PGM durante o ataque ao grupo



FONTE: Facebook, screenshot da autora (21/02/2016)

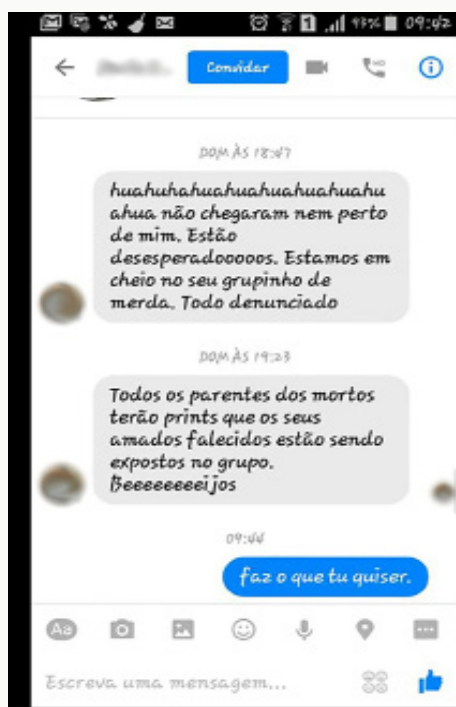
Ato contínuo, outra moderadora também recebeu tais mensagens (ver Figura 13). Para tentar evitar que a PGM fosse desativada, visto que as denúncias continuavam - chegando a uma por

¹⁴ A moderação da PGM no Facebook possui um grupo secreto para debater assuntos relacionados à administração da PGM.

minuto -, outras medidas de segurança foram tomadas pela equipe de moderação. Primeiro, postagens recentes que contrariavam a PGM foram apagadas. Depois, membros com perfis notadamente falsos¹⁵ foram excluídos. Então, a aceitação de novos membros foi suspensa por cerca de três dias, formando uma “fila” (ver Figura 14). Por último, a configuração de privacidade do grupo foi mudada, passando de “Fechado” para “Secreto”, uma decisão irreversível.¹⁶

Como as medidas adotadas não estavam surtindo o efeito desejado, pois as denúncias continuavam e a continuidade do grupo Profiles de Gente Morta poderia estar em jogo, resolvi intervir. Não acredito que o fato de o grupo debater assuntos que são entendidos como tabu em nossa sociedade fosse uma razão para a sua exclusão pelo Facebook, como resultado das denúncias. Mas a moderação ficou com medo de que o grupo fosse fechado por causa da quantidade de denúncias, porque eram muitas, e pensamos que, se elas não parassem, algum funcionário do Facebook, responsável por analisar essas denúncias, simplesmente apagaria o grupo de modo a fazê-las parar.

Figura 13: Segunda mensagem enviada para uma das moderadoras durante ataque ao grupo



FONTE: Facebook, screenshot da autora (21/02/2016)

¹⁵ Perfis que continham poucas informações ou informações obviamente falsas, com nome ou foto de celebridades ou personagens de desenho animado, por exemplo.

¹⁶ Grupos fechados podem ser encontrados por qualquer usuário do Facebook. Os grupos secretos só podem ser vistos por aqueles que já fazem parte dele e novos membros só podem ser adicionados através de convite. Mais detalhes sobre as definições de privacidade de grupos do Facebook podem ser encontrados em: <<https://www.facebook.com/help/www/220336891328465?helpref=search>> Acesso: 16/11/2016.

Figura 14: “Fila” com mais de vinte pedidos de adesão, após decisão de não aceitar novos membros



FONTE: Facebook, screenshot da autora (22/02/2016)

Após breve debate com a equipe de moderação, fiz uma postagem na própria PGM, explicando a todos os membros o que estava acontecendo, a necessidade de mudança do perfil do grupo no Facebook e pedindo aos que estavam atacando o grupo para entrar em contato comigo (ver Figura 15). Como resultado imediato, recebi diversas mensagens privadas com sugestões de medidas de ação e possíveis pistas do que estava acontecendo. Logo depois, um membro do grupo atacante se pronunciou, também através de mensagem privada. Nas mensagens que trocamos, procurei entender os motivos para o ataque. De acordo com ele, a ideia surgiu após várias pessoas terem sido “expulsas injustificadamente” ou por “indisposições políticas”¹⁷. Após algumas mensagens em que eu pedia para que os atacantes considerassem a PGM como um todo e seus doze anos de história, chegamos a um consenso e o ataque cessou.

Durante o ataque, meus papéis de moderadora e membro prevaleceram. Mas, com a persistência do problema, me vi indecisa com relação ao papel de pesquisadora, pois como moderadora e membro, eu queria agir de alguma forma para ajudar a PGM. Teoricamente, eu tinha duas opções: a de esperar que outro membro da moderação resolvesse o problema ou não tomar nenhuma atitude. Em ambos os casos, a PGM poderia ter sido extinta. Essa extinção poderia acontecer pela própria administração do Facebook, dada a quantidade crescente de

¹⁷ O membro do grupo atacante e eu concordamos que nossa conversa seria mantida em sigilo, por isso não vou fornecer *prints* das mensagens.

denúncias, ou pela quantidade de membros que continuaria diminuindo. Nos dois cenários, eu perderia meu campo netnográfico sem ter concluído a coleta de dados, o que prejudicaria minha pesquisa como um todo. No entanto, esta não foi a razão pela qual decidi interferir. Minha interferência foi resultado, em primeiro lugar, do meu papel como moderadora e, em segundo, como membro do grupo. Na resolução desse conflito, cheguei à conclusão que não havia espaço para atuar exclusivamente no papel de pesquisadora.

Com as configurações de privacidade que foram adotadas durante o ataque, a quantidade de integrantes e de novos pedidos de participação diminuiu consideravelmente, fazendo com que o tamanho da PGM fosse reduzido, e o grupo só voltou a ter a mesma quantidade de membros nove meses depois do ataque. Em 11/02/2016, poucos dias antes do ataque, a PGM possuía 16.478 membros. Após o ataque, restaram cerca de 14.000. Não quero dizer que a PGM foi salva por causa da minha intervenção, mas acredito que sem ela os ataques teriam continuado por mais tempo, dificultando ainda mais o trabalho da moderação e prejudicando ainda mais seu desenvolvimento.

Figura 15: Postagem sobre os ataques sofridos pela PGM



FONTE: Facebook, screenshot da autora (22/02/2016)

2º caso – A temática do suicídio no grupo Profiles de Gente Morta

A postagem de perfis de usuários do Facebook que cometeram suicídio é bastante comum

na PGM, fato facilmente constatado após uma breve olhada na timeline do grupo: dos últimos seis perfis postados em 22 de novembro de 2016, três eram de suicidas. Além disso, casos de suicídio são os que mais atraem a atenção do grupo, principalmente se o falecido deixou mensagens de despedida em seu perfil no Facebook ou em outras redes sociais. Consequentemente, essas postagens tendem a receber muitos comentários, que separamos em quatro categorias: 1) comentários empáticos; 2) comentários empáticos que contenham relatos de membros que tiveram familiares e amigos que cometeram suicídio; 3) comentários antipáticos de membros que condenam o suicídio, seja por princípios pessoais e/ou religiosos; 4) comentários de membros que já tentaram ou ainda cogitam cometer suicídio. Essa classificação foi feita não só a partir da análise de comentários disponíveis nas postagens do grupo, mas também de comentários submetidos pelos membros em um dos questionários que apliquei.

Assim, é dever da moderação estar alerta, pois comentários sobre o assunto facilmente se tornam discussões extensas, muitas vezes contendo dicas de como cometer suicídio. Sempre que isso acontece, a moderação interfere, avisando que o propósito da Profiles de Gente Morta não é esse. A moderação não possui preparação formal para exercer um papel de aconselhamento. É composta de pessoas que tem interesse no assunto morte e que, em alguns casos, já desenvolveram pesquisas acadêmicas sobre o assunto, em áreas de conhecimento variadas. Portanto, não há um preparo nem estudo psicológico, por assim dizer, para lidar com membros que cogitam o suicídio. A moderação geralmente age na base do bom-senso, e esse tipo de preparação é uma área que ainda não abordamos, principalmente porque os moderadores são voluntários, ou seja: dedicam parte do seu tempo livre para manter a PGM em funcionamento.

Discussões sobre os motivos que levaram os que tentaram suicídio a cometer tal ato são toleradas, porque a moderação entende que a PGM é um ambiente seguro para essas discussões, que geralmente são mais difíceis de surgir na vida real, como explicitado pelos próprios membros da PGM em um dos questionários que apliquei. Eles afirmam que em muitos casos suas famílias e amigos se recusam a discutir qualquer assunto relacionado à morte, e que até os criticam quando descobrem que eles fazem parte de um grupo como a PGM. Caso as discussões no grupo persistam, tendendo para o compartilhamento de dicas, os envolvidos são excluídos do grupo.

Por motivos explicitados anteriormente, desde fevereiro de 2016, todas as postagens da PGM precisam ser autorizadas pela equipe de moderação antes de aparecer na timeline do grupo. Assim, pela primeira vez desde que essa medida foi tomada, vi uma postagem na fila para aprovação que continha a seguinte pergunta: "Como me matar de uma forma que seja rápida e sem muito sofrimento?" (ver Figura 16). Eu fui a primeira a acessá-la, às 22h27 BST¹⁸ de uma segunda-feira, 13 de junho de 2016. Num primeiro momento, fiquei sem saber o que fazer, principalmente porque a postagem foi feita às 18h27 do horário de Brasília. Isso significava que os outros membros da moderação estariam trabalhando, estudando ou ainda no caminho para casa e, talvez, incapazes de dar a devida atenção ao caso mesmo através de dispositivos móveis.

¹⁸ *British Summer Time* – Horário de verão Britânico.



Figura 16: Membro da PGM pergunta sobre a melhor forma de cometer suicídio



FONTE: Facebook, screenshot da autora (13/06/2016)

Por isso, precisei pensar sobre a situação. Havia duas opções: a primeira, como moderadora, em que o procedimento padrão, antes da inclusão da necessidade de aprovar as postagens, seria o de apagá-la. Mas, desde que as postagens passaram a precisar de aprovação, não houve um debate sobre como a moderação deve agir nesses casos. Portanto, não havia um novo protocolo de ação como moderadora. Na segunda opção, eu teria que agir, então, não como membro, pesquisadora ou moderadora da PGM, mas como indivíduo. Assim, minha opção seria entrar em contato com a autora da postagem e procurar ajudá-la de alguma forma, agindo de acordo com minha ética pessoal. Em nenhuma das duas situações me cabia atuar apenas de acordo com meus papéis anteriores, pois demandariam uma atitude passiva, posicionamento que julguei não ser eficiente quando, potencialmente, a vida de uma pessoa estava em risco. Portanto, decidi agir como indivíduo. Todo esse conflito interno se desdobrou durante oito minutos, quando finalmente enviei uma mensagem privada para a autora da postagem, com um link para o Centro de Valorização da Vida (CVV), como se pode verificar na Figura 17.

Figura 17: Mensagem privada para membro da PGM sobre melhor forma de cometer suicídio



FONTE: Facebook, screenshot da autora (13/06/2016)

Ao escrever essa mensagem, considerei também o possível impacto de tal interferência de caráter pessoal, caso eu me oferecesse para conversar sobre o assunto ao invés de pedir para que ela ligasse para o CVV. Decidi optar pela indicação do CVV apenas, por isso minha mensagem pode não parecer muito afável. Nunca recebi resposta. Portanto, não sei se a autora da postagem procurou ajuda ou não. O que sei é que, de tempos em tempos, eu volto a visitar o perfil dela para saber se ela está bem. Como não somos amigas no Facebook, o acesso ao seu perfil é parcial e só será possível enquanto ela mantiver algumas de suas postagens como públicas. Ainda assim, todas as vezes que preciso aprovar uma postagem no grupo, penso: será que é o perfil daquela moça? Esse questionamento faz com que os limites do campo mais uma vez fiquem borrados para mim, assim como os papéis de membro, pesquisadora, moderadora e indivíduo.

Considerações finais

A ida para o campo etnográfico tradicional (Malinowski, 1984) exige extensa preparação



prática e muitas vezes psicológica, pois tende a ser literalmente uma viagem. Tais preparativos e viagens são estranhas ao pesquisador que tem a netnografia como método de pesquisa, porque esta raramente engloba preparações similares às de uma viagem. De fato, não há viagem. Para este tipo de pesquisador, não é necessário ir a um local físico para conduzir a pesquisa. Ao contrário, a investigação envolve o deslocamento do pesquisador para ambientes virtuais, acessados via computador ou dispositivos móveis. Através deles, o pesquisador leva seu campo de pesquisa consigo, para onde quer que ele vá. O Ramo mágico que permite acesso a outros mundos não é de Ouro, como aquele que garantiu a Enéas, na mitologia Greco-Romana, o acesso ao mundo das almas (Frazer, 2003), mas de plástico. O computador e o smartphone são os nossos Ramos mágicos.

A falta de preparativos práticos mais elaborados para a entrada no campo virtual pode também acarretar na falta de preparativos psicológicos, pois não é só o local onde a pesquisa é conduzida que é plural: além de o pesquisador estar em dois lugares ao mesmo tempo, ele também precisa frequentemente exercer papéis diferentes e, em muitos casos, conflitantes, que exigem respostas rápidas. Essas respostas são diferentes das geralmente encontradas no campo de pesquisa tradicional: o etnógrafo tende a depender de informantes e gatekeepers; já o netnógrafo pode se encontrar em situações onde consegue conduzir sua pesquisa de forma mais independente, principalmente se acumular papéis de responsabilidade no grupo pesquisado, como nos casos de intervenção aqui narrados. Para o pesquisador do virtual, a entrada e a saída do campo podem acontecer de maneira instantânea e essa facilidade pode fazer com que o campo transborde para sua vida pessoal e vice-e-versa ou com que a fase da coleta de dados se torne mais extensa que o necessário, o que contribui para a sensação de que a pesquisa netnográfica é muito mais trabalhosa. No meu caso, por exemplo, em meu terceiro ano de doutoramento, posso dizer que minha investigação atual vem acontecendo, também, há três anos. Em contrapartida, a permanência em campo para pesquisas etnográficas é de meses ou, no máximo, um ano.

Um dos motivos geradores da sensação e da possibilidade de prolongamento da permanência do pesquisador no campo netnográfico na atualidade está ligado ao fato de que dispositivos e conexões móveis se tornaram mais acessíveis, principalmente no Brasil (IBGE, 2016). Dessa forma, o estudo no âmbito virtual da PGM no Orkut (2008-2010) corresponde à primeira fase da netnografia no Brasil: na época, a pesquisa era feita exclusivamente em um computador de mesa, através de conexão a cabo. Por mais que o pesquisador se encontrasse em dois lugares ao mesmo tempo, o local de acesso ao computador tendia a ser um só e limitado a laboratórios de universidade, bibliotecas, escritórios ou residências. Era necessário ir até o Ramo de Ouro.

A segunda fase (2010-2013) abriu um leque de possibilidades que só foram implementadas com o desenvolvimento tecnológico e do aumento do poder aquisitivo da classe média Brasileira¹⁹. Nesse sentido, pesquisas nesse novo campo passaram, a priori, a ser desenvolvidas

¹⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/796928-classe-media-soma-50-da-populacao-e-dominancia-poder-de-compra-diz-fgv.shtml>> Acesso: 11/11/2016.



em computadores móveis (notebooks), através de conexão sem fio, alterando a dinâmica do pesquisador: livre da necessidade de estar onde o computador está, a entrada no campo passou a ser possível em outros locais que não laboratórios de universidade, bibliotecas, escritórios ou residências. Já era possível mover o Ramo de Ouro, mas com certas limitações.

Com a popularização de smartphones e tablets²⁰, vivemos, desde 2013, a terceira fase da pesquisa netnográfica no Brasil. Assim como o acesso móvel à Internet, o local de acesso ao campo de pesquisa se tornou infinito, instantâneo e totalmente simultâneo, pois é possível estar em campo através de dispositivos diferentes, aumentando situações de multitarefa. Essa infinidade/simultaneidade se pronunciou com a popularização de conexões móveis (3G e 4G)²¹ e de aplicativos - ou apps - de redes sociais. A fase atual é a que mais ofusca e enevoa os limites do campo de pesquisa, principalmente porque estamos online, quase que ininterruptamente, por motivos concomitantes de trabalho, interação social ou de pesquisa, exercendo, mesmo que involuntariamente, diversos papéis. E, agora, levamos o Ramo de Ouro no bolso.

Referências Bibliográficas

FLICK, Uwe. *The Sage Handbook of qualitative data analysis*. Londres: Sage, 2013. 664p.

FRAZER, James George. *The golden bough*. Nova Iorque: Dover, 2003. 768p.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985. 236p.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. California: Sage, 2000. 192p.

KOZINETS, Robert. *Netnography*. Doing ethnographic research online. Londres: Sage, 2010. 221p.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 296p.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2007. 157p.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 424p.

MARTINS, Andréia de Sousa. *Plateias da morte: discutindo o fim da vida em comunidades e Velórios Virtuais*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013. 102p.

²⁰ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2014/default.shtm>>. Acesso: 11/11/2016.

²¹ Disponível em: <<http://brasileconomico.ig.com.br/brasil/2015-04-30/conexao-movel-a-internet-ja-atinge-mais-de-50-dos-lares-brasileiros.html>> Acesso: 11/11/2016.



ethnography: Principles and Practice. Londres: Sage, 2016. 202p.

ROACH, Mary. *Curiosidade Mórbida*. São Paulo: Paralela, 2015. 272p.

RODRIGUES, Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 260p.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 107p.

WALTER, Tony. Modern death: taboo or not taboo? *Sociology*. Londres, vol. 25, nº. 2, pg. 293-310, Maio 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42857623?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso: 25/11/2016.

Recebido em: 14 de dezembro de 2016

Aprovado em: 01 de junho de 2017

